



## Repensando a história: A cultura dos Povos Originários Brasileiros no ensino público

**Eduarda Nanes do Nascimento<sup>1</sup>; Rayane Padilha Da Silva <sup>2</sup>;**

**Lidiane Teixeira Xavier<sup>3</sup>**

### RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência realizada a partir do PIBID com crianças da educação infantil, abordando a cultura e a história dos povos indígenas, com foco no povo Tembé. A proposta visou desconstruir os estereótipos existentes sobre os indígenas e promover uma visão decolonial, contribuindo para o respeito e valorização da diversidade cultural desde a infância. Utilizou-se o livro *Apuka*, de Maria Julia Maltese, como ferramenta pedagógica para apresentar a rotina de uma menina indígena, explorando aspectos da relação com a natureza e a importância dos vínculos familiares. As atividades práticas, como a confecção de tintas naturais a partir de urucum, foram desenvolvidas de forma interativa, estimulando a expressão artística das crianças. A experiência foi alinhada com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase na valorização das culturas e no respeito pelas diferenças. Apesar de desafios como a necessidade de maior apoio pedagógico, a atividade contribuiu para o desenvolvimento da sensibilidade cultural e a reflexão sobre a diversidade.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Diversidade cultural; Povos indígenas; Decolonialismo.

### 1. INTRODUÇÃO

Apesar de ser um país tão diverso, a história do Brasil é marcada por profundas desigualdades e preconceitos enraizados, que têm perpetuado situações de exclusão e discriminação ao longo do tempo. Nesse contexto, é fundamental que a educação desempenhe um papel relevante na promoção da valorização e do respeito à diversidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. Foi proposto que abordássemos a cultura e história dos povos indígenas do território brasileiro, com crianças da educação infantil na Pré Escola (Jardim). Trabalhamos o tema com foco decolonial com o objetivo de desconstruir o imaginário do que é o indígena em nossa sociedade. No livro: Pequeno Manual Antirracista, a autora Djamila Ribeiro (2019, p.34) destaca: “A discussão pertinente é aquela que denuncia o quanto culturas negras e indígenas foram expropriadas e apropriadas historicamente. Nos processos de colonização, a visão de cultura do colonizador foi imposta, enquanto bens culturais eram saqueados.”

<sup>1</sup>Bolsista PIBID, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: [eduarda.nanes@alunos.if sulde minas.edu.br](mailto:eduarda.nanes@alunos.if sulde minas.edu.br)

<sup>2</sup>Bolsista PIBID, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: [rayane.silva@alunos.if sulde minas.edu.br](mailto:rayane.silva@alunos.if sulde minas.edu.br)

<sup>3</sup>Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail: [lidiane.teixeira@if sulde minas.edu.br](mailto:lidiane.teixeira@if sulde minas.edu.br)

Primeiramente, os povos indígenas foram retratados pelos invasores europeus de forma animalizada: como selvagens, imorais, sem lei, sem religião e não civilizados. Mesmo hoje, ainda não temos uma visão livre de preconceitos a respeito dos povos originários do Brasil. Ainda hoje acontece um apagamento destes povos, já que são vistos como algo que só existia no passado ou que são povos alheios à sociedade; sem acesso às novas tecnologias, sem necessidade de políticas públicas, legislação, alheios ao poder público, bem como, direitos básicos.

Desta forma, fica clara a necessidade de que haja na educação artística, histórica, geográfica, cultural, uma visão decolonial, como dito anteriormente. Já que, até hoje, ainda se tem uma educação eurocêntrica que não só reduz a importância da cultura indígena e africana na formação da nossa sociedade atual, como apaga toda a herança cultural que carregamos destes povos. Se não conhecemos a história e não ouvimos as vozes dos que foram oprimidos, estamos fadados a cometer os mesmos erros do passado e não avançamos em direção à sustentabilidade, equidade e liberdade enquanto sociedade. Como dito pelo ambientalista e filósofo brasileiro Ailton Krenak em sua obra *O Eterno Retorno do Encontro*:

Por isso que os nossos velhos dizem: "Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai". Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo... (1999, p.5)

Entendemos que uma ferramenta pedagógica poderosa para trabalhar o tema da diversidade em seus diversos âmbitos em sala de aula é a utilização de livros infantis que tratam dessa temática de forma sensível e acessível. Uma vez que de acordo com Candido (2012) a literatura proporciona o que ele chama de humanização:

humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (op. Cit., p. 24)

O livro escolhido para trabalharmos com a turma foi “Apuka”, que mostra um pouco da rotina de uma menina indígena pertencente ao povo Tembé e mostra a curiosidade que ela tem em saber se as crianças da cidade são livres, fortes e amadas como ela se sente vivendo em sua comunidade. Ao longo da história percebemos detalhes importantes como o contato dela com a natureza, a relação do povo Tembé com a população urbana e alguns elementos da cultura, como a importância do avô para o direcionamento emocional e espiritual.

As habilidades da BNCC escolhidas para embasar a prática foram: (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções

bidimensionais e tridimensionais. (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história.

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

Os materiais utilizados na prática foram; livro Apuka (2018) impresso, Impressões de imagens do povo Tembé e imagens de animais da fauna Brasileira, Papel sulfite, Tintas (feitas por nós com elementos naturais, como: açafrão, café, urucum e água), Fruto urucum, Papel pardo.

Antes de iniciar as atividades a sala foi decorada com folhas e galhos, fotos de animais da fauna brasileira e na lousa foram colocadas imagens do povo Tembé. Na recepção dos alunos, foi apresentado o tema do dia: "Hoje vamos conhecer outra tribo indígena chamada Tembé, onde vivia uma garotinha chamada Apuka." A leitura foi realizada de forma pausada, com entonação envolvente. Foi necessário fazer pausas estratégicas para explorar as imagens e interagir com as crianças. Após a leitura, foi oferecido um urucum para cada criança e feita uma breve explicação do que ele é e para que é usado por diversos povos indígenas. Os estudantes tiveram um momento para sentir a textura, abrir, sentir a tinta, cheirar. Em seguida, foram feitas as tintas naturais e foi pedido que as crianças pintassem com as tintas feitas por nós, sua parte preferida da história. Após a aula os trabalhos foram organizados em um painel coletivo com papel pardo.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Avaliamos que a turma não teve atenção na hora da leitura, e percebemos dois fatores para essa dispersão: o livro é muito extenso para crianças desta idade (4 anos) e as crianças aparentam ter pouco contato com livros. Para as próximas aulas desenvolvidas com base em livros seria mais interessante e mais proveitoso usarmos fantoches.

Outra questão a ser destacada foi que a atividade foi realizada com apenas duas pibidianas na sala de aula e o tempo que foi disponibilizado não foi suficiente para fazermos o mural junto com as crianças e encerrar a aula como planejado: dialogando sobre os aprendizados e percepções a respeito do livro. Ainda assim, as crianças aproveitaram e exploraram muito principalmente a parte de explorar o fruto urucum, bem como os materiais da confecção das tintas e durante o tempo destinado para a pintura. Eles interagiram bem entre si, fizeram perguntas e observações coerentes com o tema e participaram da atividade com empenho.

### **5. CONCLUSÃO**

A reflexão e o trabalho com a temática indígena na educação infantil, como demonstrado na

experiência descrita, evidenciam a relevância de se abordar a diversidade cultural desde as primeiras etapas de ensino. Ao trabalhar a cultura indígena com crianças da educação infantil, não apenas se fortalece o respeito à diversidade, mas também se contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, que compreendem a complexidade das relações sociais e culturais no Brasil. O contato direto com essas temáticas durante a formação inicial contribui para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva, além de preparar os licenciados para lidar com a pluralidade cultural presente nas escolas. A formação continuada, por sua vez, assume um papel essencial na capacitação dos professores para trabalhar de forma ainda mais sensível e eficaz com as questões culturais de forma decolonial, mantendo o compromisso com a justiça social e a igualdade de oportunidades para todos os estudantes. Portanto, a discussão e o trabalho com a diversidade cultural indígena, desde a educação infantil até a formação de educadores, são passos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária, onde o respeito e o reconhecimento das diversas existências sejam, de fato, valorizados.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (org.). A outra margem do Ocidente. [S.l.]: [S.n.], 1999.

MALTESE, M. J. Apuka. São Paulo: Editorial 25, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.